

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天正十三年三月廿一日
三月廿一日

Sublinha a Autora que o género literário da ficção histórica foi particularmente acarinhado pelo judaísmo da época helenística, no sentido de ir trabalhando com afinco e meticulosidade na construção da sua própria identidade. E utiliza esse recurso tanto na produção de narrativas ficcionais situadas em época mais ou menos recente e pós-exílica como na reelaboração e enriquecimento semântico das suas próprias figuras patricarais, tanto anteriores como posteriores ao dilúvio.

José Augusto M. Ramos

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, *Ideologia e Propaganda Real no Egipto Ptolomaico (305-30 a. C.)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005, 512 pp., muitas ilustrações, ISBN 972-31-1090-3

É com merecido júbilo que se saúda o aparecimento de mais uma obra de temática egiptológica, redigida por José das Candeias Sales, docente na Universidade Aberta, em Lisboa, com o título de *Ideologia e Propaganda Real no Egipto Ptolomaico (305-30 a. C.)*, editada com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que a acolheram na sua colecção de Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. O texto publicado corresponde à sua tese de doutoramento que foi apresentada na mencionada Universidade em 2003.

A dissertação, agora em boa hora editada, versa sobre a dinastia dos Ptolemeus - que o autor, dentro da ampla liberdade de interpretação e tratamento onomástico que se deve conceder aos investigadores da área de História Antiga (e nomeadamente no âmbito pré-clássico e clássico como é aqui o caso), prefere chamar de Ptolomeus. Trata-se de uma área que no nosso país não tinha merecido até hoje a necessária atenção e que agora exitosamente se abordou com brilhantismo e que merecerá certamente aceitação positiva de egiptólogos e de helenistas. De resto, no júri reunido pela Universidade Aberta para avaliação da tese encontrava-se um conceituado egiptólogo com renome internacional como Pascal Vernus, da École Pratique des Hautes Études, Paris, além de conhecidos helenistas e orientistas, como é o caso do Professor Doutor António Augusto Tavares, que foi o orientador da tese.

Da leitura dos propósitos do autor, contidos na Introdução (pp. 19-35), se extrai a intenção de clarificar os traços mais característicos

da monarquia lágida, a qual, durante cerca de trezentos anos, reinou sobre o Egípto, com oscilações diversas e perturbações cíclicas, mas com a estabilidade suficiente para ter subsistido por cerca de três séculos. O texto introdutório escalona-se pelo breve enquadramento teórico da Época Helenística, os problemas, perspectivas e tendências do período ptolemaico, seguindo-se a explanação do objecto, problemática, conceitos e objectivos do trabalho, e rematando com o plano e as metodologias utilizadas.

No capítulo I (pp. 39-69) sintetizam-se os trezentos anos da monarquia lágida (305-30 a. C.), são apresentadas a natureza dessa monarquia ancorada nas suas rituais cerimónias de coroação e no culto dos soberanos divinizados, e a vida religiosa da época que levou à construção e reconstrução de vários edifícios divinos.

O capítulo II (pp. 73-98) recorda a *Aegyptiaca* de Maneton, com as suas amplas e interpelantes perspectivas cruzadas, pelas quais se apreendem os projectos ptolemaicos de recuperação da memória faraónica, sendo aqui abordadas a cultura escrita e práticas de identidade, para depois se acentuar o impacto historiográfico-ideológico da narrativa manetoniana, que ainda hoje é uma das fontes para estabelecimento da complexa e por vezes controversa periodização da história do Egípto faraónico. A tarefa compiladora e ordenadora de Maneton, inserindo-se no firme propósito de manutenção e organização da memória levada a cabo pelos primeiros Ptolemeus, é aqui bem explicitada.

As dimensões ideológicas do culto alexandrino de Serápis são depois apresentadas com bastante minudência no capítulo III (pp. 101-129), desde o estabelecimento do novo culto, a sua definição de cariz estético e religioso (em que ressalta a tríade de Serápis, Ísis e Harpócrates) com os seus atributos e tipos plásticos próprios deveras interessantes e as motivações e valências ideológicas do culto alexandrino, propondo uma harmonização de tipo intercultural.

O capítulo IV (pp. 133-185) remete para os muito ricos e esclarecedores termos e conceitos no protocolo faraónico dos Lágidas, com a variada titulatura e onomástica real hieroglífica confeccionada para os Ptolemeus, que propiciam vasto campo de apreciação da engrenagem ideológica contida na organização dos nomes de Hórus, dos nomes das Duas Senhoras (as deusas Nekhbet do Alto Egípto e Uadjit do Baixo Egípto), dos nomes de Hórus de Ouro e dos prenomes (o quarto nome real ou prenome, que apresenta o faraó como rei do Alto e Baixo Egípto, ou com o seu correspondente «senhor das Duas Terras», e o quinto nome real, que mantém a milenar tendência de evo-

cação do deus Ré), sendo dada a significação histórica do protocolo de claro timbre faraônico dos Lágidas (antecedidos pelos dos Argéadas).

Seguem-se, no capítulo V (pp. 189-224), os epítetos de culto dos Ptolemeus e as qualidades reais, a partir dos nomes de culto helénicos, aqui detalhadamente apreciados como eficazes qualificativos de eficiência-benevolência, de referência familiar, e ainda de reincarnação humana e encarnação divina, completados pelas alcunhas populares e pelo significado múltiplo dos epítetos de culto dos Lágidas.

Com a análise detalhada da moeda ptolemaica e os ideais de realeza é apresentada no capítulo VI (pp. 227-265) a cunhagem monetária e a dimensão simbólico-ideológica das emissões dos Ptolemeus, as quais, para lá do aspecto económico, foram um veículo de transmissão ideológica, fazendo assim da apreciação da numismática um ponto basilar do estudo do período ptolemaico. Para a abordagem do tema foi necessária uma prévia definição epistemológica a fim de se apresentarem os tipos e legendas, e as assimilações entre os soberanos e as divindades, apreciando-se anversos e reversos.

Esta análise interliga-se neste capítulo com o seguinte (capítulo VII, pp. 269-294), que aborda a iconografia ptolemaica e o conceito de poder real, e onde se mostra o rico e ideologicamente preponderante tratamento iconográfico egípcio da figura real em íntima comunhão com os deuses. Para tal sopesa-se a tradução artística da ideologia ptolemaica, a gramática iconográfica dos Ptolemeus e as cenas de protecção divina, neste caso com a sintomática assessoria dos sacerdotes egípcios que, de acordo com os seus interesses, enquadram a nova instituição real na vida egípcia.

Na conclusão (pp. 295-308) sintetiza-se todo o material que foi exposto nos sete capítulos precedentes, e, em expressiva linguagem, justifica-se que a monarquia lágida soube justapor, ao longo do tempo ou num mesmo lapso de tempo, de forma magistral, os universos paralelos, helénico e egípcio, constituintes do seu poder, fazendo com que em cada Ptolemeu houvesse afinal dois reis, um para os Gregos (o *basileus*) e outro para os Egípcios (o *nesu-bit*), se bem que «a importância e a ênfase postas ora no carisma de *basileus* ou no de faraó fossem diferentes consoante as conjunturas».

Segue-se uma abundante bibliografia (pp. 311-350), conjugando as fontes com a bibliografia geral e a bibliografia específica, que poderia ser ainda mais enriquecida com o estudo de Doron Mendels, *Identity, Religion and Historiography. Studies in Hellenistic History* (Sheffield, 1998), nomeadamente no capítulo 4 dedicado à célebre

Aegyptiaca de Maneton, o de Françoise Dunand, *Isis, Mère des Dieux* (Paris, 2000; actualizando o texto de 1973, mencionado pelo autor na sua bibliografia), ou ainda o de Philippe Derchain, *Les Impondérables de l'Hellénisation. Littérature d'Hiéroglyphes* (Turnhout, 2000), a que se poderia juntar o artigo de Philippe Collombert «Religion égyptienne et culture grecque: l'exemple de Διοσκουριδης», *CdE* 75 (2000), 47-63.

Os anexos (iniciados na p. 351) enriquecem o trabalho e serão deveras úteis para os leitores, que assim disporão dos protocolos faraónicos dos Argéadas e dos Lágidas (pp. 353-373, não numeradas), de muitas reproduções de moedas emitidas pelos Ptolemeus (a moedas dos Lágidas, pp. 375-402), da complexa genealogia dos Lágidas (pp. 403-407), e, a terminar, de vários exemplos da rica iconografia ptolemaica (pp. 409-482).

A obra termina com um núcleo de índices remissivos (pp. 483-512), começando com o índice de figuras que inclui a moeda e a iconografia dos Lágidas, seguindo-se um índice analítico, índice cronológico, índice etnonímico, índice onomástico (de soberanos, figuras históricas, autores antigos, divindades, heróis e figuras mitológicas) e um índice toponímico.

Apenas cumpre assinalar que a referência feita em longas formas onomásticas de Ptolemeu VI e Ptolemeu X aos «tijolos de nascimento» (p. 152) merecia uma apropriada explicação para que os leitores apreendessem o significado da expressão e a sua relação com a deusa Meskhenet que presidia aos partos. Conviria também explicitar a presença, no nome de Hórus de Cleópatra I, da forma *B3kt* como correspondendo a Egipto (p. 150).

A referência ao *Papiro de Turim* (p. 81) ficaria mais clara com a alusão ao *Papiro Real de Turim*, como muitas vezes é designado para o diferenciar dos milhares de papiros que o dito museu possui. Seria útil e prudente manter a norma do tratamento onomástico com as alterações típicas da escrita: assim, na p. 229, em vez de Maetibré (prenome do faraó Hakor) deveria estar Maatibré (como aparece habitualmente em Maatkaré); compare-se com o tratamento do nome de Ré no final e no início, onde passa a Ra(msés), Ra(hotep), etc. O jogo habitual de Ré/Ra, Maet/Maat, Tot/Tut, e outros casos, deveria ser estabilizado. Por outro lado, a solução estético-gráfica de apresentação com jogo de cor para os títulos reais impede a leitura correcta de algumas linhas (verde claro e cinzento).

Este útil estudo, que com todo o mérito figura entre os muitos títulos editados nas monografias da série Textos Universitários de

Ciências Sociais e Humanas, enriquecerá a bibliografia egiptológica mas também a de cariz helenista de estudos clássicos, atestando sobremaneira a maturidade científica do seu autor. Trata-se, em suma, de um trabalho muito válido que muito beneficiará os seus leitores, entre os quais se contam os alunos do ensino superior que, em várias universidades, estudam em cursos de licenciatura e de mestrado na área de história pré-clássica e de história clássica, não esquecendo o público em geral, para quem os temas ligados ao antigo Egipto despertam sempre um notório e vivo interesse.

Luís Manuel de Araújo

VÁRIOS, *História Universal. 2 - A Antiguidade: Egipto e Médio Oriente*, s/local [Barcelona], Editorial Salval – Promoway Portugal, 2005, profusamente ilustrado, ISBN 84-9819-067-3

Desde há alguns anos vários órgãos da nossa imprensa escrita ganharam o hábito de juntar às suas edições livros que, regra geral, fazem parte de colecções. Os leitores que o desejarem podem obter, por mais dinheiro, um volume sobre temática variada. No caso que aqui apreciamos, foi o jornal *O Público* que decidiu colocar à disposição dos seus leitores uma colecção de História Universal que incluía, no segundo volume, a civilização do antigo Egipto, complementado pelo Médio Oriente, desde a emergência das primeiras civilizações até aos Hititas.

A obra reúne contributos de autores generalistas, sendo aqui re-censeado o texto correspondente ao antigo Egipto (pp. 1-148). Para elaborar os extratextos dedicados ao antigo Egipto foram convidados Ricardo Martín, Vicente García Pitarch e María de los Ángeles del Rincón, nomes completamente desconhecidos nos meios egiptológicos europeus em geral e ibéricos em particular. A direcção editorial da obra coube a Francesc Navarro, assessorado por uma equipa redactorial de nove pessoas coordenadas por Alicia Pérez e Marta Vidal.

A ilustração do volume esteve a cargo de Isabel Cucurella, sendo de realçar um dos aspectos mais conseguidos deste projecto editorial: a excelente qualidade gráfica, com o texto bem servido por gráficos e mapas coloridos.

Os cinco mil anos de história do Egipto faraónico foram divididos em três blocos: «As origens do Egipto» (pp. 2-44), «Conceitos pré-históricos de Ré e o mito de Osíris» (pp. 45-82) e «A expansão do